

## De Como A Filosofia Pode Ajudar Um Psicanalista

*Nahman Armony*

Setembro/2014

Coube-me apresentar, do dicionário de Deleuze, a palavra “maladie” (doença). Deleuze encontra-se doente e a palavra *maladie* adquire um caráter pessoal. Em *maladie* já não se encontram conceitos teóricos, mas sim reflexões sobre a própria vida. Aqui, uma primeira questão: é válido usar-se reflexões íntimas (ou não tão íntimas assim, pois foram expostas à entrevistadora) de um autor teórico? Terão elas um interesse teórico? Até algumas décadas atrás, autores das Humanidades e especialmente das Ciências procuravam ser objetivos em sua escrita, evitando falar de si mesmos e de sua relação com seus pensamentos e teorias. Isso vem mudando aceleradamente. Muitos escritores falam de si mesmos, de como chegaram a cogitar dos problemas apresentados em seus escritos, qual a influência de suas experiências. Um autor que imediatamente me vem à lembrança é o físico Murray Gell-Mann que, no prefácio de seu livro “O quark e o jaguar”, escreve coisas como “*O quark e o jaguar*” não é uma autobiografia, embora contenha reminiscências de minha infância e um certo número de casos sobre meus colegas de trabalho” e “No começo da primeira parte descrevo algumas experiências pessoais que me levaram a escrevê-lo”. Ambas as citações estão na p. 9. Na minha opinião, isto acontece porque cada vez mais se reconhece que a teoria está ligada à vida e vice-versa.

Apesar do nível de abstração da filosofia de Deleuze, podemos encontrar as raízes de seu pensamento na cotidianidade. Ao falar de Platão, Deleuze aponta para a questão do modelo, da boa cópia e do simulacro. A boa cópia é o verdadeiro pretendente, aquele que tem direito de dirigir a República. Os simulacros são para Platão falsos pretendentes, sem direito a nenhuma reivindicação. O platonismo, ao ser revertido, acaba com a diferença entre modelo, cópia e simulacro. Todos podem ser pretendentes. O platonismo é uma filosofia/máquina de Estado que tem a função de perpetuar a elite no poder reprimindo o simulacro. Dando-se ao simulacro o mesmo estatuto da boa cópia, e mais, acabando com a diferença entre modelo, cópia e simulacro, introduz-se uma máquina de guerra que desafia o poder do Estado. Estamos, portanto, falando de uma teoria que tem tudo a ver com a vida. Mas antes de chegarmos a este nível vejamos o que Roberto Machado, em seu livro “Deleuze e a filosofia”, cita de Deleuze no que diz respeito à

função da filosofia: “o verdadeiro objeto da ciência é criar funções, o verdadeiro objeto da arte é criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia é criar conceitos”. Essa criação de conceitos filosóficos vem não só do estudo da filosofia, mas de uma varredura de vários campos de conhecimento e atuação humanos. Ele examina esses campos para deles retirar conceitos filosóficos que têm um profundo parentesco, pois pertencem todos a uma mesma época e subjetividade. Se fazer filosofia é criar conceitos, o que deve um psicanalista fazer diante de algum material que lhe é oferecido? A função do psicanalista, na minha opinião, é compreender o ser humano para ajudá-lo. Se eu me debruço sobre a vida de Deleuze --- um ser humano singular --- certamente poderei encontrar elementos de reflexão sobre o homem e a vida.

Pergunta: o que a vida de Deleuze tem a ver com sua filosofia? Sua filosofia é criar conceitos. Mas os conceitos são tirados de várias disciplinas ligadas à vida. Então posso pensar os conceitos como ligados à vida, tal como mostrei acima. Posso, portanto, pegar os fragmentos de vida que ele apresenta e examiná-los à luz de sua teorização e de meus interesses. Posso pegar algumas falas suas referentes à velhice: *“a grande maravilha é que as pessoas deixam a gente de lado, a sociedade deixa a gente de lado(...) Ser deixado de lado pela sociedade é uma alegria tamanha!”* *“Caem todos os parasitas que você carregou a vida inteira”* *“O velho é alguém que é(...) ele adquiriu o direito de ser”*. *“Mas um velho simplesmente, que é apenas velho, é o ser”*. Em suas teorizações, Deleuze fala de aparelho do Estado que é a imposição da mesmice, do platonismo e fala também de máquina de guerra que é a oposição a essa mesmice, uma oposição que tem com fulcro filosófico a filosofia da diferença. Ele opõe a teoria filosófica da representação (Platão) à teoria filosófica da diferença (Nietzsche). Encontramos claramente esta oposição nas palavras de Roberto Machado, na p.135 do livro já citado: *“ ‘Différence et répétition’ salienta várias vezes o caráter conformista desse pensamento ortodoxo, incapaz de romper com a doxa, com a opinião, visto que apenas a universaliza ao elevá-la ao nível racional, conservando dela o essencial, isto é, a forma, ou o uso das faculdades que lhe correspondem; por outro lado, considera a finalidade prática desse pensamento como sendo a reconhecimento, o reconhecimento dos valores estabelecidos, o que o coloca a serviço dos poderes das Igrejas, dos Estados. Mille plateaux, retomando a análise da imagem do pensamento nos quadros da dicotomia entre aparelho de Estado e máquina de guerra, expõe a mesma ideia: reafirma não só que a crítica à imagem do pensamento se faz não privilegiando os conteúdos, mas a forma, isto é, sua conformidade a um modelo, mas também ---- e principalmente ---- que esse modelo do*

*pensamento é o aparelho de Estado ou, em outros termos, que a imagem do pensamento é a forma-Estado desenvolvida no pensamento*". "Desde que a filosofia se atribuiu o papel de fundamento não mais deixou de benzer os poderes estabelecidos e de decalcar sua doutrina sobre os órgãos de poder de Estado. O senso comum, a unidade de todas as faculdades como centro do Cogito, é o consenso do Estado levado ao absoluto. Foi notadamente a grande operação da crítica kantiana, retomada e desenvolvida pelo hegelianismo" (citação do Mille Plateaux).

Bem que eu tinha razão de ligar as teorias em geral à vida e a vida de cada homem à sua teoria. Posso especular, sabendo que estou abusando de uma licença dramatizante, que Deleuze sentia-se incomodado por ter de atender a convites do *establishment*. Ele estava diante de um aparelho de Estado e reagia como uma máquina de guerra. Isto até o momento em que a velhice lhe deu a oportunidade de sair da luta e simplesmente SER, o que significa DEVIR. Não posso deixar de lembrar os três momentos do homem trazidos por Nietzsche: o camelo (ter de carregar o peso do *establishment*, dobrar-se ao aparelho de Estado); o leão, a máquina de guerra que luta contra o aparelho de Estado; e a criança que está em um tempo aiônico, portanto fora desta luta. A partir deste novo estado, as forças se reconfiguram. Isto para nós, analistas, é importante no sentido de sabermos valorizar as circunstâncias externas e internas, não tratando o analisando fora de sua inserção de seu período histórico nem fora de sua história particular; e para conhecer a história, especialmente a particular, é preciso que ele, o analisando, a conte, isto é, que o analista sem preconceitos ouça a sua história. Neste momento me vem à mente "As duas análises de Mr. Z", de Kohut. O paciente desta análise realizada por Kohut, no período dos 11 aos 13 anos, teve uma relação homossexual com o seu instrutor de ginástica de 30 anos. A primeira reação é de horror, é de achar que o menino terá sido extremamente prejudicado por esta relação. E, no entanto, este foi um dos melhores períodos da vida de Z, com repercussões positivas no seu futuro. Com outro analisando poderia ser o contrário, mas com esse foi dessa maneira, o que mostra a importância de uma escuta não preconceituosa.

Almodóvar é mestre em nos mostrar as situações por dentro, driblando os preconceitos. Ele o faz em vários filmes. Quero lembrar especialmente o filme "Fale com ela", em que um estupro é um estupro para a máquina de Estado, mas não é um estupro para o devir da mulher que foi amorosamente possuída pelo enfermeiro. Oliver Sacks é outro mestre em nos mostrar como os horizontes humanos, ao diferirem, organizam formas de viver diferentes. Vou relatar e citar um de seus casos do livro "Um antropólogo em Marte". Depois de um acidente, um artista, pintor,

tornou-se daltônico, o que de início foi terrível e alterou sua percepção do mundo e seu modo de vida. Vejamos a continuação nesta citação: “O sr. I, com sua apurada sensibilidade visual e estética, achava essas mudanças particularmente intoleráveis (...) A percepção da cor havia sido parte essencial não só do sentido visual do sr. I, mas de seu sentido estético, sua sensibilidade, sua identidade criativa, uma parte essencial de como construía seu mundo --- e agora a cor havia desaparecido, não apenas da percepção, mas também da imaginação e da memória. Os ecos dessa condição foram muito profundos. De início, ficou intensa e furiosamente consciente do que perdera (ainda que “consciente”, por assim dizer, à maneira de um amnésico). Podia olhar fixamente para uma laranja, enfurecido, tentando forçá-la a recobrar sua cor verdadeira(...)Viu-se num mundo não apenas empobrecido, mas alienado e incoerente, quase um mundo de pesadelo(...) Mas aí, com a aurora “apocalíptica”, e a pintura que fez dela, surgiu o primeiro sinal de mudança, um impulso de reconstruir o mundo, de reconstruir sua sensibilidade e identidade. Parte disso era consciente e deliberado(...) Mas boa parte se passou abaixo desse nível, num nível de processamento neuronal não diretamente acessível à consciência ou ao controle”. Houve “uma transformação de valores, de forma que a sua completa estranheza e alienação do mundo a partir de seu daltonismo, que de início tinha uma qualidade de horror e pesadelo, passou a ter um estranho fascínio e beleza” (p.52). O sr. I mudou seus hábitos de vida: tornou-se notívago. Palavras de I: “Vou me tornando aos poucos um notívago. É um mundo diferente: há muito espaço --- você não fica encurralado nas ruas, pelas pessoas(...) É um mundo completamente novo”. Temos aí um outro mundo a ser respeitado e que só pode ser entendido por um analista despido de quaisquer preconceitos e disposto a penetrar nesta outra subjetividade tão diferente da sua. A reorganização deste mundo pessoal depende das novas capacidades surgidas a partir da perda da visão colorida. Um outro mundo a ser entendido e respeitado. Se tal indivíduo estivesse em análise, o analista teria de se mover em águas desconhecidas, apenas abrindo espaço para a reconstrução de identidade. O que é berrante neste caso apresenta-se em cores pastéis em outros, como no caso da velhice, que traz novas capacidades (e perdas de outras) que permitem modificações. No caso de Deleuze, ele deixa de ser uma máquina de guerra para se tornar um devir/ser. “O velho é alguém que é. Ponto final. Podem dizer que é um velho rabugento, etc. Mas ele é. Ele adquiriu o direito de ser” (p. 3/4).

Vamos examinar o que é Ser para Deleuze: “Nietzsche não suprime o conceito de ser. Propõe uma nova concepção de ser. A afirmação é ser. O ser não é o objeto da afirmação(...) A

afirmação só tem a si mesma como objeto. A afirmação como objeto da afirmação: isto é o ser. Nela mesma e como a afirmação primeira ela é o devir. Mas ela é o ser enquanto que ela é o objeto de uma outra afirmação que eleva o devir ao ser ou que extrai o ser do devir. É por isso que a afirmação em toda a sua potência é dupla: afirma-se a afirmação. É a afirmação primeira (o devir) que é ser, mas apenas como objeto da segunda afirmação. As duas afirmações constituem a potência de afirmar em seu conjunto”. (Nietzsche e a Filosofia). Na velhice, Deleuze finalmente pode ser, isto é, pode devir. Para nós, analistas, é uma sugestão de respeito às condições históricas da vida de cada analisando.

Nietzsche foi o primeiro a denunciar as teorias que matam a vida. Deleuze segue na esteira de Nietzsche. Ele é um pensador que pensa a vida no seu devir. O Deleuze que tenho dentro de mim não se oporia a que examinássemos suas concepções acerca de si mesmo na relação com o mundo para enriquecermos nosso acervo de experiências, assim como nos enriquecemos com suas formulações mais abstratas. Em minha opinião, uma teoria psicanalítica só terá amadurecido dentro de nós quando pudermos usá-la não como referência teórica transcendente, mas como experiência incorporada tornada imanente. É claro que há uma jornada a ser percorrida e também é claro que muitas vezes recorreremos a um apoio transcendente para lidar com uma situação. Mas o desenvolvimento desejável das teorizações seria passarem de uma transcendência para uma imanência. Deleuze diria que as atividades das diversas áreas do quefazer humano devem poder permitir a criação de conceitos filosóficos, pois tudo o que acontece numa época tem um fio subjetivo ligando-os. Como psicanalista, interessa-me poder compreender e ajudar o meu analisando e para isso preciso estar em contato e em intimidade com ele. Não posso ouvi-lo pensando em conceitos, mas devo relacionar-me diretamente com ele com o meu ser de experiência, que é um ser que congrega tudo o que já pensei e passei: desde minhas vivências até meus estudos transformados em experiências. Para Deleuze, filosofar é criar conceitos. E para criar conceitos, Deleuze, segundo Roberto Machado, invade várias áreas do conhecimento humano de forma a extrair conceitos para a sua filosofia. Se o filósofo cria conceitos, o que faz o psicanalista? Ele tenta entender a maneira de ser de cada pessoa, pois ele terá de lidar com pessoas em sua clínica e, quanto mais ele souber sobre pessoas, mais apto estará para ajudá-las. Se eu arranhar o entendimento da pessoa que é Deleuze, criador de importantes conceitos da pós-modernidade, conceitos que têm a ver com a vida a ser vivida, então acrescento alguma coisa ao meu acervo psicanalítico. Exercer a função psicanalítica é pôr minha experiência a serviço do

analisando. Eu não deveria passar pela teoria para formular uma interpretação ou realizar um gesto. A fala e o gesto devem emanar diretamente da relação e são diferentes de uma fala e gesto comuns por terem uma intenção terapêutica. Esta intenção terapêutica fica incorporada à experiência como uma *insinuância*.

Voltando a Deleuze: *“Adquiri todos os direitos de uma saúde fraca”*. *“O fato de eu ter uma saúde tão frágil me dava muita segurança para recusar qualquer viagem(...) A doença me libera muito. É ótima neste sentido”*. *“Ele (o velho) adquiriu o direito de ser”(...)* *“(Com a velhice,) caem todos os parasitas que você carregou a vida inteira”(...)* *Mas o velho que é apenas o velho é o ser”*. Todas essas frases nos mostram como Deleuze pessoa estava condicionado à representação, à identidade, ao aparelho de Estado. A velhice o libera para o ser/devir, o que significa que antes ele tinha de pautar a sua diferença pela identidade imposta pelas obrigações sociais e morais de sua convivência com as pessoas e as instituições. A diferença pura é uma utopia filosófica da qual ele se aproxima na velhice, que o libera. Também o libera para ser/devir a saúde fraca. Para a psicanálise essa dualidade psicológica ---- estar subordinado ao superego cultural (identidade) e desejar ser (devir) ---- é um paradoxo que deve ser cuidado com delicadeza. O superego cultural é uma influência forte que, desafiada, pode desestabilizar a pessoa, mas o desejo de devir tem também a sua força. O equilíbrio entre estas forças estará a cargo do analisando, e não de uma avaliação do analista. Assim como todo equilíbrio de todas as forças, todos os desejos, todos os medos e todas as defesas estão também a cargo do analisando. É ele quem pode encontrar o seu próprio equilíbrio e não o analista, que apenas abre caminho para que este equilíbrio (instável) seja encontrado pelo próprio analisando de acordo com as forças e defesas que o afetam.

Deleuze procurou formular uma filosofia da diferença pura, absoluta, em que o desenvolvimento de cada um dar-se-ia não por comparação, por competição, por submissão, por reação, mas por um movimento interno de vontade de potência. Mas esta diferença pura parece ter de conviver com aspectos de identidade. Eis o que escreve Roberto Machado no seu livro *“Deleuze e a filosofia”*: *“É difícil saber – e de todo modo é ainda bastante cedo para decidir – se essa crítica do dualismo, realizada em nome do pluralismo mas obrigada a criar novas dualidades, é uma questão terminológica, um problema de escritura, ou se aponta para uma dificuldade conceitual constitutiva da filosofia de Deleuze proveniente da inadequação entre suas*

*propostas e seu funcionamento ou da diferença entre gritar “viva o múltiplo” e ‘fazer o múltiplo’*”. Esta questão filosófica colocada por Machado é correlata à dificuldade de escapar das obrigações sociais (identidade) e à necessidade de um certo contexto para que as obrigações sociais sejam superadas pela possibilidade de ser/devir. Continuando a citar Machado: *“Não há dúvida de que a grande ambição de Deleuze é realizar, inspirado sobretudo em Bérgeon, uma filosofia da multiplicidade(...) Isso não impede, contudo, como estamos vendo, que sua filosofia seja dualista no sentido preciso de situar o pensamento, de modo geral, em dois espaços não apenas diferentes, mas antagônicos”*. Ele está falando do espaço do modelo platônico, que é o espaço da identidade, da subordinação da pessoa a modelos, e do espaço da multiplicidade, do devir, da diferença pura em que desaparece essa subordinação. A dualidade persiste pois a vida nos impõe esta dualidade da qual alguns, como Deleuze tentam escapar. Essa dualidade fica explícita no livro “Diferença e repetição”, onde Deleuze *“salienta várias vezes o caráter conformista desse pensamento ortodoxo (o pensamento da representação, do modelo)(...) por outro lado considera a finalidade prática desse pensamento como sendo a reconhecimento, o reconhecimento dos valores estabelecidos, o que o coloca a serviço dos poderes das Igrejas, dos Estados”*. *“ ‘Mille plateaux’, retomando a análise da imagem do pensamento nos quadros da dicotomia entre aparelho de Estado e máquina de guerra, expõe a mesma idéia(...) esse modelo de pensamento é o aparelho de Estado(...) é a forma-Estado desenvolvida no pensamento”* (Machado, Deleuze e a Filosofia, p.135).

Temos aí a luta entre o aparelho do Estado e a máquina de guerra. Eu incluo no aparelho do Estado as obrigações sociais e os constrangimentos profissionais pelos quais temos de passar. E Deleuze, ao valorizar a doença e a velhice como lhe permitindo um status diferente, está falando de sua antiga sujeição parcial ao aparelho do Estado, por mais que ele fosse uma máquina de guerra. Como analistas, temos de nos lembrar da força do aparelho do Estado para que não passemos a ideia de que ela não é uma força poderosa; é, sim, uma força atuante que não pode ser ignorada. O analista precisa estar ciente de que o analisando está sujeito a forças poderosas de várias origens, não forçando uma barra para enfrentá-las ou negá-las. A ideia de que podemos nos desenvolver exclusivamente segundo nossas potencialidades --- uma ideia individualista que não leva em conta o meio ---- é falsa e pode ser prejudicial quando inconscientemente passada para o analisando.

Aqui surge mais uma questão: a da neutralidade. Hoje sabemos que a neutralidade não é possível. De alguma maneira passamos nossas convicções, nossa *weltanschauung* (visão de mundo), ao nosso analisando, certamente não diretamente, mas pelo conjunto de verbalizações e expressões corporais. A ideia de que podemos ser poderosos, prescindindo ou ignorando o meio ambiente, é antiterapêutica. As palavras de um Deleuze experiente são importantes para desfazer a impressão de que não estamos de forma nenhuma sujeitos ao aparelho de Estado. Deleuze enquanto saudável e jovem é uma máquina de guerra em luta com o aparelho de Estado. Na velhice, o aparelho de Estado deixa de incomodá-lo e ele não precisa ser uma máquina de guerra. Na velhice ele pode apenas ser. Isto serve como um alerta para nós, psicanalistas. Não podemos ignorar, descartar o aparelho de Estado em suas múltiplas manifestações, inclusive como superego social. Aqueles que desejam escapar das ordens do aparelho de Estado serão máquinas de guerra. Mas, até que ponto podem ser máquinas de guerra sem se desequilibrarem excessivamente? Como fica a negociação da máquina de guerra com o aparelho do Estado? Esta negociação é absolutamente individual. O que o analista pode é propiciar a negociação. A distribuição de forças não está no conhecimento do analista, mas sim do analisando. Um analisando me queixa-se de sua analista anterior dizendo que ela tentava fazer com que ele largasse suas atividades artísticas e fizesse uma faculdade. Isto não era dito diretamente, mas passado nas entrelinhas. Certamente este tipo de intervenção ideológica é prejudicial ao analisando. É preciso que o analista tenha consciência de seus preconceitos para que eles não interfiram na análise. E não é só uma questão de palavra, mas de passar sutil e inconscientemente a própria ideologia. Neste caso, é preferível pôr em confronto direto as duas ideologias para que o analisando possa se defender da ideologia do analista. Não é que o analista não possa dar dados de realidade em relação às possibilidades das várias carreiras. Até pode, mas ele deve parar aí. A escolha, isto é, o equilíbrio, pertence ao analisando. E mais: ganhar ou não dinheiro, viver na pobreza ou riqueza, agradecer ou não as figuras influentes é uma questão do analisando. A questão do analista é torná-lo o mais livre possível dentro de suas circunstâncias e limitações para escolher seus caminhos.

De um lado a prisão da representação e de outro a liberdade do devir. No meio, o leão que, com sua máquina de guerra, luta contra o aparelho de Estado. E que na velhice é a criança do devir. Todas estas são etapas que devem ser levadas em consideração pelo analista.

Uma outra citação de Deleuze que está em Mil Plateaux: “Desde que a filosofia se atribuiu o papel de fundamento, não mais deixou de benzer os poderes estabelecidos e de decalcar sua doutrina sobre os órgãos de poder de Estado”. Ele é uma máquina de guerra ao escrever isto, mas até certo ponto submete-se ao aparelho do Estado ao concordar com atividades que ele finalmente pode recusar na velhice. Esta é, para ele, uma das vantagens da velhice.

A ideologia do analista não seria no sentido da libertação, mas das possibilidades de um acordo dentro de cada pessoa, dentro das possibilidades de cada pessoa entre as obrigações (aparelho do Estado) e a liberdade. Por um tempo ele será uma máquina de guerra, uma máquina de guerra que fará os arranjos possíveis com o aparelho do Estado. Certos fatores poderão mais ou menos liberá-lo desta luta. No caso de Deleuze, é a saúde fraca e a doença.

Deleuze nos diz que a saúde fraca favorece a proposta de pensar. *“Sempre me cansei facilmente. A questão é saber se isso facilita. Se alguém que se propõe ---- nem estou falando do sucesso desta empreitada ---- mas alguém que quer, que gosta e tem como proposta pensar ou tentar pensar, saber se o fato de ter uma saúde fraca lhe é favorável. (...) acho que a saúde fraca favorece este tipo de escuta”* (p.1).

Até aqui estive falando do homem como máquina de guerra e que pode se tornar devir em certas circunstâncias como a velhice. Seria a sequência camelo-leão-criança de Nietzsche. Agora se trata de algo um pouco diferente, embora com parentesco próximo. O conhecimento de si próprio condicionando as possibilidades de estar no mundo. É assim que estou interpretando a fala de Deleuze. Sua saúde fraca facilita o exercício do pensamento. Aquilo que cada um é dá-lhe um leque de possibilidades de ser, de estar no mundo. O analista deve ter isto em mente. Estou evidentemente pregando uma ideologia de psicanalista que é a ideologia de um psicanalista, a minha ideologia. Mas esta é a minha contribuição a partir das considerações pessoais de Deleuze. Foi o que Deleuze despertou em mim. Assim como Deleuze usa as várias áreas do conhecimento humano para delas extrair conceitos para a filosofia (filosofia para Deleuze é criar conceitos), assim eu, um psicanalista desconhecido, uso as confissões de Deleuze para pôr em relevo a minha direção de pensamento referente a como encaro um ser humano na vida e principalmente um analisando na clínica. Até aqui adotei duas direções: 1- não é possível ignorar o aparelho de Estado. Cada pessoa lida com este aparelho de Estado da maneira que lhe é possível. Não adianta

o analista estimular o analisando a ir contra o aparelho do Estado além da medida de suas possibilidades. Então não adianta o analista fazer exortações, provocar repressões, negações etc. Ele deverá oferecer um ambiente onde o próprio analisando descubra suas forças e fraquezas, e, naturalmente, se quiser lutar com suas dificuldades, até poderá estar de acordo com o desejo do analista, mas isto é uma decisão do analisando, que “sabe” até onde pode chegar sem se prejudicar. 2- O analisando deve permanentemente estar em estado de autoconhecimento em atualização para escolher seu caminho de acordo com suas características, seus talentos, ambições, habilidades, ideais. Serve aqui o exemplo do velho e os vários exemplos de Oliver Sacks, que fala do mundo individual de cada um e como este mundo muda por efeito de acontecimentos. Então o analista deverá proporcionar um ambiente que facilite este permanente saber processual de si mesmo. Não deve tentar encaminhá-lo para nenhum lugar, mas esperar que ele, o analisando, a partir do conhecimento de si, decida por onde e como quer ir. Se o analisando pedir auxílio nesta busca e nesta pesquisa, o analista certamente não deverá se omitir. 3 – Finalmente, a fala de Deleuze sobre Fanny abre mais um campo de reflexão no campo humano/psicanalítico, isto é, no campo do ser, estar e atuar no mundo. Repetindo a fala de Deleuze: *“E com Fanny, acho que também não é um problema. Mesmo se para ela(...) Não sei... É difícil imaginar o que teria feito a pessoa que ama se tivesse vivido outra vida. Suponho que Fanny teria gostado de viajar. Ela certamente não viajou como talvez tenha desejado. Mas o que ela descobriu que não teria descoberto se tivesse viajado? Como ela teve uma formação literária muito forte, quantas coisas ela descobriu em romances esplêndidos que valem por mil viagens? Claro que há problemas, mas estão acima de minha compreensão”* (p.4). Comentário: Fanny escolheu o amor, perdeu as riquezas das viagens, mas descobriu as riquezas da literatura. Sua vocação seriam a viagem e o amor. Ela poderia ter escolhido a viagem e encontrar o amor nas viagens. Ela escolheu o amor e encontrou as viagens nos livros. Não há um único destino possível e inelutável. O destino é feito de circunstâncias momentâneas. Em dado momento vários caminhos se apresentam. Não existe aquele que é o certo. Será o conjunto de forças atuantes que fará a pessoa escolher este ou aquele caminho. Ao analista cabe facilitar ao analisando perceber quais são as forças atuantes. Ao analisando cabe escolher o caminho.